

Arquivo



Esperança na Ressurreição

No dia de Finados, o sentimento dos cristãos, ao visitar os túmulos e participar de missas e orações, não é somente de saudades, mas de esperança. A esperança é a de nos encontrarmos um dia, na casa do Pai. A esperança da ressurreição nos leva aos cemitérios. E ela segue conosco, o tempo todo. Essa esperança nunca morre.

A esperança da ressurreição nos leva, ainda mais, ao encontro e ao respeito dos outros e de suas existências. A separação pela morte é passageira: se vivermos no amor, um dia nos encontraremos todos, no seio amoroso de Deus. Jesus nos antecedeu na morte e na ressurreição. Cristo é a nossa esperança, diz Paulo na sua carta aos Colossenses (Col 1,27). Por isso, as missas e orações nos cemitérios em Finados são celebrações da esperança e não das saudades ou dos mortos. Nós cremos na vida eterna.

A tradição cristã dá muito valor a três virtudes que nos vêm de Deus: fé, esperança e caridade. A esperança é a segunda virtude teologal. O seu símbolo é uma âncora. Desde os primeiros séculos, os cristãos desenhavam e esculpiam âncoras nos túmulos, manifestando sua esperança na ressurreição do falecido. Os cristãos assimilavam a forma da cruz com a da âncora, como uma espécie de cruz invertida.

A âncora evoca essa massa de ferro, capaz de reter o barco diante das inconstâncias do

mar e da deriva. Essa é a função da esperança na vida. Símbolo de firmeza, a âncora evoca a solidez, a segurança, a tranquilidade e a fidelidade. No meio da mobilidade do mar, a âncora é estável, imóvel, fixa e constante. A âncora lembra, a capacidade de manter a calma, a lucidez e a firmeza diante de turbilhões dos sentimentos e atos da vida. A última garantia dos marinheiros nas tempestades é a âncora. Correntezas e marés não arrastam barcos bem ancorados. O mesmo ocorre com quem tem esperança.

“O mistério da morte e a esperança da ressurreição são um dos mais fortes cimentos da vida em comunidade”

Sobre a esperança cristã, diz a Bíblia: “Esta é, para nós, como âncora da alma, fixada com muita firmeza, que penetra para além do véu, ali onde Jesus entrou como precursor em nosso lugar...” (Hb 6, 19-20). Ao ancorarmos nossa alma em Jesus Cristo, evitamos o naufrágio espiritual e nos preparamos para o encontro com o próprio Deus, na hora de nossa hora, na ressurreição dos justos, para “além do véu”.

“Minha âncora e minha cruz”, diziam os místicos cristãos. Não desejamos e nem devemos nos abandonar às correntezas da natureza e do mundo, pois nos fixamos na fonte de toda graça que é Jesus Cristo. Quando o

moribundo dá seu último suspiro, para os cristãos, ele acabou de nascer. Começou a nascer no batismo e agora completa o seu nascimento. É o verdadeiro dia do nascimento, o vere dies natalis, tão evocado pela Igreja ao longo dos séculos. Pela morte, o cristão entra na Vida em Plenitude. Nisso se ancora a nossa esperança. Esse nascimento cósmico está associado à idéia da morte como um segundo parto, banhado de esperança. Como dizia o padre Antonio Vieira, “a mais fiel de todas as companheiras da alma é a esperança”.

No princípio do Cristianismo, os pagãos designavam os cristãos como “aqueles que não temem a morte”. A esperança da ressurreição nos mantém em comunhão entre irmãos, no seio da Igreja, e com os Santos e Santas de Deus que deixaram esta vida. Somos congregação peregrina e não em desagregação. O mistério da morte e a esperança da ressurreição são um dos mais fortes cimentos da vida em comunidade. Uma Igreja feita de homens e mulheres, amorosos, esperançosos e não desesperados. Alimentados no amor e pela esperança da vida eterna. Em qualquer hora ou lugar. Em qualquer situação. Especialmente no sentido pascal das celebrações dos finados.

Evaristo Eduardo de Miranda
Doutor em Ecologia, autor do livro
“Guia de Curiosidades Católicas” (Ed.
Vozes)